

Barreiras no comércio exterior

KADIDJA FERNANDES - 18/02/2008

País já enfrenta onda protecionista em mercados da América do Sul, e a situação tende a se agravar

BRASÍLIA - O risco de um efeito-dominó na América do Sul, detonado pelas medidas protecionistas adotadas por Equador e Argentina, é cada vez mais concreto, na visão de governo e especialistas em comércio exterior.

Por essa razão, a ordem na Esplanada dos Ministérios é reforçar os mecanismos de consultas bilaterais e encontrar formas de aumentar importações dos vizinhos, para reduzir seus déficits na balança comercial com o Brasil.

Afinal, estão em jogo US\$ 43,435 bilhões - valor correspondente ao total das exportações brasileiras para as nove principais economias sul-americanas em 2008, ou 22% das vendas globais realizadas no ano passado.

O vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil, José Augusto de Castro, acredita que a adoção de barreiras protecionistas pelos demais vizinhos é questão de tempo para países como Chile, Peru, Colômbia e Bolívia.

O presidente do Conselho de Comércio Exterior da Federação das Indústrias de São Paulo, embaixador Rubens Barbosa, está convicto de que o protecionismo comercial vai se espalhar.

Na sua opinião, as situações de Argentina e Venezuela são as mais críticas. Os argentinos, não bastasse a escassez de crédito externo, enfrentam uma seca que quebrou a safra de trigo, um dos principais produtos de exportação.

A Venezuela tem problemas com a queda do preço do petróleo e, segundo exportadores, o gover-



Movimentação de cargas no porto: protecionismo afeta setores como o siderúrgico e têxtil

no venezuelano chegou ao ponto de atrasar o pagamento de importações do País.

A exigência de licenças de importação não-automáticas na Argentina é uma "amostra de deterioração da economia do País", diz Barbosa, e afeta setores importantes no Brasil, como siderúrgico, eletrodomésticos, calçados e têxtil.

Já o Equador adotou medidas restritivas em geral, subindo tarifas de importação e excluindo o Brasil de acordos de preferência. Na avaliação do governo, o Brasil precisa se livrar da ameaça de ser visto como o grande vilão da região, o que abalaria sua posição de líder entre os sul-americanos.

Em 2008, a balança comercial brasileira foi superavitária em US\$ 1,3 bilhão com o Peru, Venezuela (US\$ 5,6 bi), Colômbia (US\$ 1,4 bi) e Argentina (US\$ 4,3 bi).

A ordem é estimular as economias vizinhas. Esta semana estão agendadas reuniões com Argentina e Colômbia para discutir o assunto.

G7 promete evitar nacionalismos

ROMA - O G7, grupo das sete maiores potências industriais do mundo, temendo um aumento do protecionismo, fará tudo o que puder para combater a recessão e evitar uma distorção no livre comércio, informa um comunicado divulgado após uma série de conversas em Roma, ontem.

Eles também adotaram um tom mais conciliador em relação à China, não-integrante do grupo, sobre a competição comercial internacional, semanas após o novo secretário de Tesouro dos EUA, Timothy Geithner, afirmar que Pequim estava manipulando sua taxa de câmbio.

O documento, realizado durante reunião de ministros das Finanças na capital italiana, procura acalmar temores de que os governos, determinados a proteger os empregos e as indústrias nacionais, abandonem compromissos de uma competição justa entre as nações.

Durante a noite, o Congresso norte-americano aprovou um pacote de estímulo à economia no valor de 787 bilhões de dólares, que inclui dezenas de bilhões de dólares para projetos de construção pública. Nessas ações, existe a condição de que sejam utilizados aço norte-americano e outros bens fabricados no país.

O documento informa que estabilizar a economia e os mercados financeiros é fundamental no atual momento, sugerindo que todos têm que trabalhar juntos e usar as opções políticas possíveis para o máximo de efeito coletivo.

"Continuaremos trabalhando juntos para evitar exageros e distorções indesejadas", diz a nota.

Em encontro que começou na sexta-feira, Alemanha e Grã-Bretanha disseram que há o risco de que o mundo testemunhe uma repetição da espiral de protecionismo vista durante a Grande Depressão de 1929.